

A revista precisa ser reinventada

Sergio Cohn¹

A revista precisa ser reinventada

Foi esse mote, adaptado da famosa frase de Arthur Rimbaud, que norteou a realização do livro *Revistas de invenção*. Embora eu já pesquisasse o assunto desde os anos 90, o livro não nasceu apenas de uma vontade pessoal. Ele surgiu a partir do convite de participar da reformulação do edital de publicação de revistas culturais do Programa Cultura e Pensamento da Secretaria de Políticas Culturais do Ministério da Cultura. Estávamos em 2008, e o Programa já havia realizado dois editais na área, que tinham sido considerados insatisfatórios, no ponto de vista de seu coordenador na época, Afonso Luz.

Eu havia participado dos editais como editor de uma das revistas contempladas, a *Azougue*. Em ambos, a *Azougue* realizou edições que tiveram excelente repercussão, sobre temas como autoria e território na cultura contemporânea. E o Afonso, impressionado com as revistas, me chamou para uma conversa sobre os rumos do edital (é importante ressaltar que na época não nos conhecíamos pessoalmente). Na conversa, eu disse que achava que o edital, assim como outras iniciativas do tipo que estavam ocorrendo então, só possibilitava a publicação de poucos números esparsos de uma revista, não tocando questões centrais para a sustentabilidade de revistas culturais no Brasil, como periodicidade, distribuição, fidelização de público, publicidade, etc. E que eram esses os desafios que um edital deveria abarcar. Afonso, mostrando abertura exemplar para um gestor público, entendeu a relevância dessas questões e me convidou para reformular junto com ele o edital.

A primeira coisa que propus então foi que fizesse parte do projeto a edição de um livro histórico sobre revistas de cultura no Brasil. Falta bibliografia sobre o assunto, e era fundamental, se quiséssemos realmente pensar um edital consistente, mergulhar na história das revistas culturais, em seus desafios e conquistas ao longo do tempo, para entender o que poderia ser feito agora. Acatada a ideia, comecei imediatamente o trabalho. Os desafios da pesquisa para o livro eram imensos: as revistas de cultura no Brasil

tradicionalmente foram realizadas de forma independente, sem estrutura e com distribuição errática, sendo, por consequência, de muito difícil acesso. Sua memória também ainda está por ser criada. Muitas das revistas são inacessíveis mesmo nas melhores bibliotecas públicas ou universitárias. Por isso, precisei criar minha própria biblioteca pessoal de revistas, a partir de pesquisas em sebos de todo o país, o que foi demorado e oneroso, embora, sem dúvida, muito prazeroso.

Em paralelo ao livro, começamos o trabalho de reformulação do edital. A nova versão partia da percepção de que as revistas precisavam acompanhar o momento histórico que o país estava vivendo. O Brasil, naquele momento, já vivia mais de duas décadas de redemocratização e quase oito anos de um governo de franca esquerda, e possuía um Ministério da Cultura forte e atuante, que entendia a importância da indústria criativa na economia do século XXI. Por isso, era (e ainda é) surpreendente que o Brasil não possuísse praticamente nenhuma revista de cultura de ampla circulação em atividade.

Isso é ainda mais surpreendente frente ao momento nacional de forte produção cultural. Nossa indústria cinematográfica está em franca expansão, com filmes nacionais conquistando recordes de público e importantes prêmios internacionais, mas não temos uma revista de grande circulação para apresentar ou refletir sobre o cinema nacional. O mesmo ocorre com nossa música: não há nenhuma publicação de referência para o grande público sobre um dos grandes símbolos de nossa nacionalidade. As artes visuais conquistaram espaço inédito no mercado internacional, mas as publicações voltadas para a área continuam sendo de baixa tiragem e pequena circulação. E assim por diante. Isso tudo é agravado pela crise nas mídias tradicionais, o que causou a diminuição dos espaços de divulgação da cultura nos jornais e semanários.

Assim, era importante estimular a criação de revistas culturais que fossem capazes de ampliar o debate sobre a cultura contemporânea. E para isso era necessário criar uma profissionalização das revistas de cultura. Historicamente, as revistas culturais no Brasil são, em todos os sentidos da palavra, amadoras. São feitas por amor e também sem recursos ou bases institucionais ou profissionais para sua sobrevivência. Em consequência, parecem sempre nascer do nada e do nada acabar. Não há continuidade nem linha evolutiva que permita às experiências anteriores ser criticamente absorvidas. Isso é muito pernicioso. Não há um passo adiante. A ausência de recursos também faz com que muitas vezes as revistas não sejam pensadas por profissionais que saibam entender os desafios da área, sejam designers gráficos, editores ou jornalistas. O que leva à inexistência



de planejamento prévio e ao cometimento de erros que provocam mortes prematuras, como formatos muitas vezes criativos, mas excessivamente onerosos ou tiragens muito superiores à capacidade de escoamento pela distribuição.

Essa reflexão nos levou à conclusão de que as revistas de cultura possuem duas naturezas distintas, que assim precisam se entender para se exercer plenamente. Uma é ser o espaço de invenção e liberdade; a outra, o espaço de divulgação e reflexão de amplo alcance. E esses dois espaços precisam existir, mas não se podem confundir. Quando se confundem, costumam matar-se mutuamente. É muito comum que as pessoas não saibam exatamente qual é a natureza de sua revista. Querem uma revista que atinja público amplo, mas sem perder a liberdade de invenção. Isso é um grande perigo.

Então o desafio do edital era manter a liberdade de conteúdo, mas de alguma forma estimular a criação de revistas culturais de larga escala. Para isso, decidimos por um formato fechado, o que possibilitava não apenas o melhor aproveitamento de papel na impressão, mas a distribuição conjunta de vários periódicos, criando uma rede de revistas. Era importante demonstrar para os editores que aquelas revistas eram produtos de grande circulação e precisavam ser planejadas dessa forma, em todos os aspectos. Quando se pensa um produto desse porte, é preciso saber qual será o custo de envio, de manuseio, etc. Porque tudo isso é muito caro e pode significar a sobrevivência ou não do projeto em médio prazo.

A mudança de escala, porém, trazia desafios não apenas na forma, mas também no conteúdo. A precariedade de alcance das revistas acabou criando vícios de linguagem. Circulando apenas entre pares ou em regiões restritas, as revistas acabaram criando textos que partiam do pressuposto de que o leitor já conhecia o assunto tratado. Dessa forma, não era preciso apresentar no texto informações básicas, restringindo muitas vezes sua compreensão àqueles que já possuíam um patamar comum de conhecimento. Ao criar o desafio de um edital de revistas culturais com distribuição em todo o território nacional, precisávamos quebrar essa prática. Para tanto, criamos quatro eixos fundamentais para elaboração de conteúdo: 1) o mapeamento da produção; 2) a apresentação da produção; 3) a reflexão sobre a produção; 4) a produção em si. Normalmente, os dois primeiros itens são omitidos das revistas culturais, porque são considerados já de conhecimento dos leitores. Nisso, já se perde boa parte do público. Ao incluir nos veículos esses quatro itens, acreditamos oferecer melhor compreensão dos conteúdos.

Lançado em setembro de 2009, o edital foi um enorme sucesso. Mais de 170 revistas se candidatarão às quatro vagas. Com o resultado, o Ministério da Cultura decidiu ampliá-lo para 20 revistas, o que infelizmente não se concretizou (o projeto chegou a ser contratado e publicado no Diário Oficial da União, mas mudanças de governo e ministeriais determinaram seu cancelamento). O livro *Revistas de Invenção* demandou longa pesquisa e só foi lançado em dezembro de 2011, trazendo 100 revistas selecionadas entre mais de duas centenas pesquisadas.

O processo de pesquisa e edição do livro proporcionou grande descoberta sobre as revistas de cultura e apenas ampliou o espanto frente a ausência de publicações culturais de larga escala no Brasil de hoje. Em pleno século XXI, não é cabível que o debate cultural seja restrito a tão poucos. E, mais importante, o debate na área da cultura, quando ocorre, está restrito a políticas culturais. É importante ressaltar que a questão não está apenas no fomento, nos recursos para a cultura, mas também na linguagem, na expressão, na capacidade de dialogar, de chegar ao outro, de se constituir diálogo, de realizar cultura. Essas são questões fundamentais, e para abordá-las é necessária a expansão de espaços de reflexão e debate, como sempre foram as revistas de cultura.

¹ Editor da Azougue Editorial e autor de “*Revistas de Invenção – 100 revistas de cultura do modernismo ao século XXI*” (Azougue, 2011).